

TORÉ: UM FENÔMENO DA TRADIÇÃO DO POVO KARIRI-XOCÓ

Elizabete Costa Suzart¹

Resumo: a tradição oral do Povo Kariri-Xocó tem como base da resistência do seu povo, o Toré que guarda há séculos toda a raiz de saberes ancestrais. Sendo assim, transformou-se na contemporaneidade, o símbolo maior de identidade étnica do indígena do Nordeste. Através de leituras e observações, surgiu o interesse em utilizar a fenomenologia como método de abordagem para investigar o "Toré"² e a partir dela constituir o objeto da pesquisa dentro de uma outra perspectiva de investigação para descobrir as diversas camadas que revelam o Toré como um fenômeno. Por isto, vale considerar todos os sentidos e possibilidades que transcendem o aspecto físico de performance para vir a ser uma manobra de resistência desse povo, levando em conta as suas experiências transcendentais e espirituais.

Palavras-chave: Fenomenologia. Toré. Tradição. Kariri-Xocó

TORÉ: A PHENOMENON OF THE KARIRI-XOCÓ PEOPLE'S TRADITION

Abstract: The oral tradition of the Kariri-Xocó People is based on the resistance of its people, the Toré that has kept for centuries the root of ancestral knowledge. Thus, it became contemporary, the greatest symbol of ethnic identity of the Northeast Indian. Through readings and observations, the interest arose in using phenomenology as a method of approach to investigate the "Toré" and from it to constitute the object of the research within another perspective of investigation to discover the several layers that reveal the

¹ Mestrado em andamento em Crítica Cultural (Pós-Critica/UNEB), graduada em Letras lic. Plena C\Hab.Port., Lit.Ing, Literaturas (UNEB). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Inglesa e Alemã. Endereço eletrônico: lisasuzart@hotmail.com.

² Cantos e danças sagrados, na língua Kariri; no dialeto Kipeá significa *um susurro silencioso!*

Toré as a phenomenon. Therefore, it is worth considering all the senses and possibilities that transcend the physical aspect of performance to become a maneuver of resistance of this people, taking into account their transcendental and spiritual experiences.

Keywords: Phenomenology. Toré. Tradition. Kariri-Xocó.

Introdução

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos decifrar essa subjetividade: decolar as camadas de memória, cavar fundo em suas camadas sombrias, na expectativa de atingir a verdade oculta (THOMPSON, 1992, p. 197).

Diante das abordagens feitas com teóricos da tradição oral, houve uma provocação para discutir em forma de artigo a inquietação em falar mais do símbolo maior de identidade étnica do Povo Kariri-Xocó, o qual nos é apresentado na forma de danças e cânticos sagrados: o Toré, que se tornou, principalmente entre os anos 1970 e 1980, a manifestação e distinção desse povo e os demais no Brasil, destacando a etnicidade dos indígenas do Nordeste.

Girando em torno da história de hegemonia epistêmica ocorrida desde o início da colonização, onde se manteve o europeu no centro do poder e do domínio do saber, cabe neste contexto contemporâneo, fazer surgir um diálogo que prisma pelo campo decolonial para assim decolarmos à uma realidade descolonial. Como afirma Mignolo (2007): “[...] a desobediência civil sem desobediência epistêmica permanecerá presa em jogos controlados pela teoria política e pela econômica política eurocêntricas”. Portanto, a identidade vem a ser um aspecto intrínseco para a existência de um povo que luta pela sua ancestralidade e somente através dela pode, disciplinadamente, manter-se no controle da tolerância para a manutenção da sua tradição oral e com ela ressignificar a sua cultura (Kariri-Xocó), alimentando os cânticos ancestrais e através deles a sua própria língua, submetida no processo colonizador ao “glotocí-

dio”³ substituindo a língua nativa, pela língua portuguesa, consequente, também, do extermínio de outros povos pré-colombianos.

Seguindo o conselho de Husserl⁴ (1907): “Em todo caso, sejam apenas muito cépticos ou, antes críticos”. Isto induz ao pesquisador o rigor da análise, visto que a Fenomenologia “começa sempre na percepção”, em ver, analisar e interpretar com os próprios olhos, dentro de um processo de cognição que o leva a envolver sua atenção, imaginação, memória, linguagem e ação. O autor aborda em sua obra, *A ideia da Fenomenologia*, uma questão peculiar desta ciência dos fenômenos que não se aporta na objetividade, mas na consciência, onde a *fundamentação* é a base de tudo:

Fenomenologia — designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas ao mesmo tempo e acima de tudo ‘fenomenologia’ designa um método e uma atitude intelectual: a *atitude intelectual* especificamente *filosófica*, o *método* especificamente *filosófico* (Ibidem, p. 46).

Por esta visão não se pode conter uma ideia universal apenas com as experiências práticas, do momento em que se vivencia determinado fenômeno e assim Husserl entendeu que há um momento anterior aos fatos e que faz a coisa ou uma pessoa estar presente na representatividade. Assim, o Toré se fez sempre presente no meio indígena do Povo Kariri-Xocó que mesmo a contragosto do Estado, quando expropriados de suas terras, continuaram utilizando de maneira disciplinar, seu Espaço Sagrado do Ouricuri⁵ para manterem a unidade e a orientação do espírito ancestral que o rege e é mantido como a base cultural.

3 Vide busca eletrônica: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/glotoxic%C3%ADdio>: Linguística, processo de marginalização de uma língua no seio de uma comunidade de falantes, em favor de outro(s) idioma(s), resultando no gradual desaparecimento dessa língua.

4 Introdução a Fragmentos da Fenomenologia e da Crítica da Razão (Pronunciada por Husserl em Gotinga, 26 Abr. a 2 Mai.1907- em *As Cinco Lições*.

5 Ritual Sagrado da Disciplina dos Kariri-Xocó: “O Segredo do Ouricuri”; espaço sagrado, com área de preservação ambiental de mata verde de preservação da fauna e flora. ONG THYDÊWÁ. MEMÓRIA, 2012. Disponível em: <www.thydewa.org/memória>. Acesso em: 28 ago. 2018.

Desta forma, apresentaremos este artigo em 3 seções que possibilitará um melhor entendimento acerca do tema proposto. Em primeiro: NHENETY, “O Guardião das Tradições Kariri-Xocó” será abordado o percurso de um tradicionalista desta etnia que reúne esforços para esclarecer, arquivar seus registros, narrando-os para garantir que as futuras gerações tenham acesso a tudo o que for possível para garantir que a tradição oral seja mantida na forma também escrita e assim não seja esquecida.

Nhenety, “o guardião das tradições kariri-xocó”⁶

Memória é tudo aquilo que a gente vê e escuta, e mais, ela tem sabor! (José Nunes de Oliveira, Nhenety KX).

Este, com nome de registro: José Nunes de Oliveira, nascido no ano de 1963, Nhenety KX (1999), traz em seu texto: “Um pouco da minha infância”⁷ registros de sua memória individual, reunindo-os à memória coletiva para contar sua história de indígena, escritor e historiador da tradição oral do seu povo. Nesta biografia, relata ser o tataraneto de Inocêncio Pires, chefe tribal que conduziu seu grupo no século XIX, após a extinção dos aldeamentos indígenas no Estado de Alagoas, 1873⁸. A expropriação levou os indígenas a irem se alojar na periferia da cidade, na Rua dos Caboclos, passando assim para um território que não era o desejado, mas o que lhes cabia aceitarem. Conforme cita Nhenety (Ibidem p. 89): “A aldeia dos índios situada na rua da cidade de Porto Real do Colégio foi cenário da vida em comunidade de nosso povo sofrido, junto com o Ouricuri, unindo a todos na preservação de nossas crenças, costumes e cultura”. Quanto a esta explanação, vejamos o que Hall (2003, p. 247) cita: “É certo que *outras* forças também têm interesse em definir “o povo” de outra forma: o “povo” que precisa ser mais disciplinado, melhor governado, mais efetivamente policiado,

⁶ Acompanhe o blog com sua história de vida e trajetória na tradição do Povo Kariri Xocó: <http://kxnhenety.blogspot.com.br/>.

⁷ Revista Estudos Avançados – USP – v.13, nº 37, 1999.

⁸ Conforme consta em documento provincial de Clóvis Antunes.

cuja forma de vida precisa ser protegida das “culturas estrangeiras”, e daí por diante”.

Na aldeia da mata, com toda a cosmogonia ancestral, através do Ritual do Ouricuri, onde, segundo Nhenety aborda em seu texto, há casas feitas ao modo ancestral, de palha e material recolhido da natureza. Nesse texto ele revela que apesar de terem sido expropriados das suas terras, insistem em estarem “dentro” da cultura, praticando os rituais e relevando o preconceito racial, desde a discriminação, trocando o nome “índio” por “caboclo”⁹ à localização que se encontravam (á “Rua dos Cabocos ou dos Índios” é a atual Rua São Vicente), no meio dos brancos, não-índios. Hall continua a esclarecer:

“Às vezes, podemos ser constituídos como uma força contra o bloco do poder: esta é a abertura histórica pela qual se pode construir uma cultura genuinamente popular. Mas, em nossa sociedade, se não somos constituídos assim, seremos constituídos como o oposto disto: uma força populista eficaz, que diz “sim” para o poder” (Ibidem, p. 247).

Nesse território dominado pelo poder hegemônico, predominava a discriminação aos moradores, indígenas, procurados apenas por negociantes ou fazendeiros a procura de trabalhadores com preço abaixo do mercado. Em relato, Nhenety (1999, p. 92) ouviu da mãe dizer que antes do SPI¹⁰ era bem pior. Principalmente a polícia que perseguiram os indígenas, proibindo-os de dançar o Toré na rua que moravam; outros vinham, “por volta das 18h e mandavam seus parentes irem dormir cedo. “Não podiam ouvir choro de menino”; “Esse pessoal era malvado. Espancava índios com chibata, montavam no índio (homem), como se fosse animal, com esporas nos pés e feriam aqueles que não tinham quem os acudisse”.

⁹ A saber mais em: PIMENTEL, S. O Índio que Mora em Nossa Cabeça. Prumo: São Paulo, 2012.

¹⁰ Serviço de Proteção ao Índio, SPI (criado em 1910).

Acompanhando a ideia de “Desterritorialização à Multiterritorialidade”, segundo Haesbert¹¹ (2005, p. 4):

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois epistemologicamente aparece tão próximo de *terratoritorium* de *térreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo — especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra ou do “*territorium*” são impedidos de entrar.

Na sua história de vida e boa memória de tudo o que os mais velhos lhe contavam, cresceu Nhenety com a sabedoria de recontar tudo o que via e ouvia. Além dos pais, na formação de sua personalidade e exemplo de vida, tinha o Cacique Otávio Queiroz Nidé (bisneto de João Maromba, chefe religioso dos Xocó – 1899-1913), irmão do Pajé Francisquinho, pai do atual Pajé Suíra (6ª geração Kariri-Xocó) escolhido em 1944, após a morte do seu parente, Kari-ri, Jonas. O cacique Otávio era exemplo vivo de guardião das tradições e respeito pela comunidade indígena. Assim, declara BÃ (2010, p. 178):

Se o tradicionalista ou “Conhecedor” é tão respeitado na África (ou em outro lugar, em um grupo social, grifos meus!), é porque ele se respeita a si próprio. Disciplinado interiormente, uma vez que jamais deve mentir, é um homem “bem equilibrado”, mestre das forças que nele habitam.

Acrescentando a ideia de Nhenety: “[...]o cacique é aquele que ouve as decisões dos órgãos internos (Conselho tribal), chefes de família... junto com o pajé examina o ponto de vista viável, executando a ordem estabelecida” (Conversa informal em outubro 2018, relatando texto do seu blog de 28 nov. 2010). Assim, seguiram os moradores indígenas, transformando aquela rua da cidade a sua aldeia urbana, “onde era possível viver como índio; a união nos

¹¹ Trabalho apresentado nos Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – USP, 20 a 26 março 2005.

dava resistência” [...] “nossa comunidade viva e ativa”. Talvez, por esse povo estar ligado diretamente à sua cultura, espiritualidade, pela disciplina dos rituais sagrados, foi e está sendo possível em dias atuais, continuarem na tradição e manter os fatos com testemunho vivo, na história. Conforme BÂ (2010, p. 168):

O que se encontra por traz do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra.

A articulação entre os dois territórios pelo sentido de apropriação “sociedade-espaco” e seu uso simbólico, principalmente do Espaço do Ouricuri, que alimenta por séculos a cultura pluriétnica do Povo Kariri-Xocó, com ampla dimensão de fronteira na tradição oral, mantida no Toré. Partindo da constituição pluriétnica, em que possuem uma língua, todavia pouco estudada, tida pelos seus estudiosos e falantes nativos como sendo “uma língua labiríntica”, no seu histórico de glotocídio, houve um processo de hibridismo que juntou à Língua Kariri (com tronco linguístico Macro-Jê ao tronco Tupi — Língua Geral, falada pelos Xocó, séc. XVIII), os dialetos: Dzubukuá (falado pelos Kariris — Alagoas), Kipeá (pelos Xocós-Sergipe), Kamurú e Sapuiá e com o próprio português. Frente a este vasto horizonte sem fronteira linguística, é possível compreender que no Toré se faz a manutenção da língua e desta cultura.

Ressignificando Canções do “Toré”

No tópico anterior ficou revelada a característica pluriétnica do Povo Kariri-Xocó, formada pela negociação entre etnias que se uniram aos Kariris por questões políticas, sociais e principalmente culturais. No intuito de juntarem as forças para uma luta coletiva, foram ao longo dos séculos XVIII e XIX se unificando e buscando nos rituais sagrados: Toré e Ouricuri, a base da cultura e manutenção da tradição oral para todos dessa comunidade indígena e dos que

mesmo pertencendo a outras etnias, participam destes rituais¹²
Vide Hall (2003 p. 247):

A capacidade de *construir* classes e indivíduos enquanto força popular — esta é a natureza da luta política e cultural: *transformar* as classes divididas e os povos isolados — divididos e separados pela cultura e outros fatores — em uma força cultural popular-democrática.

A luta incansável do povo indígena se dá pelo recobro nas retomadas das terras ancestrais e é neste contexto que quanto pesquisador e sob uma análise contextual é possível se observar na própria performance dos cânticos e danças ancestrais, no bater firme dos pés ao chão (“Torá”) como uma expressão de decisão e sentimento de pertencimento à terra e de união. Diz Nhenety:

O homem branco nos deu nomes para nos dividir e tentou eliminar nossa Cultura e religiosidade. Mas sobrevivemos e temos o dever de restaurar a nossa unidade Cultural; Tradições (Texto enviado via mensagem no Whats.App, Nhenety Kariri-Xocó, em 28/11/2018).

No aspecto das negociações feitas desde o século XVI, foram observadas as trocas injustas (metais e pedras preciosas, madeira Pau-brasil, elementos da fauna e flora, trocados por ínferos materiais provindos da Colônia: metais, machado, tecidos, espelho, etc.), mas mantidos na relação recíproca de acordos que ora eram combinados por decisões conciliadoras de ambas as partes e por vezes muito mais sob pressão e imposição dos colonizadores aos nativos. Canclini (2006, p. 198) diz que: “Com frequência, os indígenas são ecléticos, porque descobriram que a pura preservação das tradições nem sempre é o caminho mais apropriado para se reproduzirem e melhorarem sua situação”. Além de que o espírito de alteridade parece emanar da essência indígena e o acolhimento ao estrangeiro não se dá pelas diferenças, mas pela representação natural do visitante ser tratado com honras.

¹² O Ritual no Ouricuri Sagrado acontece a cada quinze dias ou de acordo com as conveniências do pajé geral, Suíra e do Conselho Tribal, formado por lideranças e anciãos escolhidos por seus membros!

Nesse contexto, vale ressaltar o sentido que nos traz a palavra Colonos, Torrinha (1945, p. 163) apud Saviani (2010, p. 26): Diz o autor que a palavra “colonização” derivou do significado das duas primeiras palavras: *colo* e *colui*; “*Colonus* é o que cultiva uma propriedade rural em vez do seu dono; o seu feitor no sentido técnico da palavra”.¹³ E conclui: “Não por acaso, sempre que se quer classificar os tipos de colonização, distinguem-se dois processos: o que se atém ao simples povoamento, e o que conduz à exploração do solo (Reforçamos aqui um diálogo com Haesbert (2005): “Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica”) *Colo* está em ambos: eu moro; eu cultivo” (BOSI, 1992, p. 11-12 Apud SAVIANI, 2010, p. 26). Deste esclarecimento se firma o sentido maior do Toré (no dialeto Kipeá quer dizer “*um sussurro silencioso*”) que embora possa ser vivenciado nos momentos mais distintos: de vitória, alegria, tristeza e elevação transcendental, vem a ser “um fenômeno da tradição oral do Povo Kariri-Xocó”. Este se torna verdadeiramente representativo quanto a sua poética de se transformar em uma metáfora de profunda interpretação que para se compreender sua essência, é necessário o distanciamento para que suas camadas cheguem à superfície e sejam relidas dentro de uma visão mais ampla que inclui a filosofia, astrologia, antropologia e demais ciências que se interligam no cirandar rítmico dessa performance que acontece em cada ritual.

Por este motivo o foco direcionado aos rituais através do Toré, mantém a cultura ancestral e a língua nessa dinâmica cíclica e tão bem representado pelos membros que num processo natural se organizam e mostram na formação celular, o seu núcleo formado pelas crianças que indicam perpetuação da cultura, em volta delas a camada protetora de mulheres provedoras do fortalecimento, físico e mental; além da camada que reveste ambas, formada pelos homens guerreiros que sustentam na voz e na maracá a resistência de

¹³ Alfredo Bosi citando o Dicionário etimológico da língua latina, de Augusto Magne.

um povo que fenomenalmente se mantém resiliente na sua "reexistência"¹⁴ e identidade étnica.

Seguem alguns trechos de cânticos de Toré que a princípio pareceram enigmáticos e sem nexos ao entendimento de quem os ouve sem o auxílio da interpretação de um dos guardiões da Tradição Oral:

"Toré no pé cruzeiro Jurema" — Nhenety esclarece o sentido intrínseco do fenômeno ocorrido há séculos, quando se deu a heresia dos jesuítas aniquilarem suas crenças, trocando seu símbolo sagrado da árvore medicinal para o indígena que da raiz se extrai a bebida sagrada, que tem também o mesmo nome, utilizados em alguns rituais sagrados — além da entidade "A cabocla Jurema" — para confeccionar e edificar o símbolo do Cristianismo: a cruz.

"Nhinho nu Wonhé" (ÍNDIO QUER CANTAR) — Neste canto há uma espécie de rebelião pela falta do diálogo; de dar a palavra ao Outro que também quer dizer algo (cantando o Toré) do que pensa e sem espaço para este empoderamento, se coloca na posição de sujeito autor de sua narrativa; vale a pena ler a estrofe inteira: ***O baiano quer dança*** — na Bahia há um outro fenômeno que enigmaticamente parece uma roda de festa com palmas e "dança", com jogo de pernas: a capoeira. O índio viu no negro o seu reforço para unirem-se na luta pela libertação; ***Me respondeu a Cauã*** — Cauã é um pássaro que traz notícias do além. ***O passarinho tá chamando*** — neste momento, ele confirma a aliança do povo nativo (índio) com o outro estrangeiro, povos africanos (negro); o passarinho chama os dois povos à luta.

"Fita Verde" — substitui a língua falada pelo nativo pela do colonizador; ***Minha gente venham ver/Os caboco como canta!*** — os índios não falam mais a sua própria língua e utilizam o cântico do Toré ("*um sussurro silencioso*") para manter sua tradição oral ativa; ***Com um laço de fita verde, /Amarrado na garganta*** — "o laço de fita verde" representa um impedimento; um nó que alguém amar-

¹⁴ Citação criada e proferida em obras pela Prof. Dra. Ana Lúcia Silva Souza (2010).

rou, impedindo de falar sua língua...assim seguem estes compactos textos que são munidos de armas e estratégia de resistência para tornar audível a consternação de estar preso pela palavra que não pode proferir.

O Toré, para alguns é apenas um show folclórico que no final da apresentação recebem aplausos e vão embora, sem questionar nada a mais da envolvente performance. Assim se deu desde o período da colonização, mas apenas como essa manobra para distanciar os interessados no seu apagamento como manifestação da espiritualidade do Povo Kariri e sua base cultural. Esse fenômeno que apreende, instiga e desperta à quem o objeto possa interessar, driblou a atenção dos jesuítas para assim poder ser articulado uma estratégia de assimilação do Outro que parecia manter uma “obediência epistêmica” e se entregando ao domínio eurocêntrico sem nenhuma objeção. Essa atitude posicionou o sujeito indígena na articulação da resistência de forma lúcida e assertiva. Conforme Nhenety descreve: “A forma de dançar o canto acompanha os movimentos dos fenômenos, a estrutura arredondada da Terra, Sol e Lua. Com as mãos dadas no Toré temos a união grupal pela tradição, pisando no solo sagrado, no esforço coletivo de afirmação de etnia Kariri-Xocó”. Nhenety KX (2012). A dinâmica dos fenômenos da natureza explica com clareza que a lua, astro reluzente e propulsor da vida e renovação, conduz voluntariamente todos os seres à uma caminhada coletiva.

Toré uma manobra na preservação do Ritual do Ouricuri

Nada abalou tanto a cultura europeia quanto a descoberta da América. Os corpos nus e pintados dos índios fizeram os homens vestidos brocharem [...] O que pode um corpo? O que fizeram com o corpo? Até que ponto o corpo foi separado daquilo que ele pode? (MOREIRA, 2002).

Frente à atrocidade praticada sobre os povos originários no Brasil, houve muitas formas perversas de impor o poder hegemônico, banindo — de forma sucinta e muitas vezes drástica-qualquer

forma de pensamento adverso ao do colonizador. Desta forma, relata NHENETY — uma das lideranças tribal Kariri-Xocó e tradicionalista, além de escritor e historiador — que os povos aldeados pelos jesuítas foram levados a entregar todos os elementos ritualísticos, bem como despojarem-se das suas tradições por serem vistas pelos europeus como elementos de ritual pagão e não aceitos pelos cristãos. Portanto, precisaram renegar a sua ancestralidade através do ato da entrega dos pertences da cultura indígena. Assim, os Kariris de Alagoas (já por volta do século XVII) participaram de forma induzida, na frente da Igreja Nossa Senhora da Conceição, Porto Real do Colégio, da incineração à fogueira de suas tangas, búzios, colares, maracás, argolas, cocares, etc. Imaginando com isto, os missionários, terem erradicado mais uma vez, um traço da cultura nativa para a introdução à nova religião católica. Para Gambini analisando a visão eurocêntrica de Nóbrega, apenas há uma semana ao entrar em contato com indígenas, percebe que: “Se “Tupana” era a única palavra disponível, bastava acrescentar um “Pai” e o problema prático de dar nome aos bois ficava resolvido “Salienta ainda que “Esse pode ser considerado o primeiro ato de sincretismo religioso forçado no Brasil” (1988, p. 136, 137).

A partir dessa visão eurocêntrica, foi exigido nos aldeamentos o comportamento voltado para os princípios cristãos, difundidos pela catequese e na língua, exigindo o Tupi como Língua Geral para os povos nativos; desde as vestimentas até o ritual católico com as trocas dos símbolos por crucifixos, batismos com nomes cristãos, casamentos, primeira eucaristia e os mandamentos da Igreja, em nome de Deus, desestruturando assim toda forma de organização social e hierárquica, forçando a monogamia, trocando o pajé pelo padre e o cacique pelo Capitão-mor. Assim, a espada acunhada em outra base, aquela cantada no “Toré no pé do cruzeiro” ganha outra forma revertida de cruz, redenção, conversão e outra forma de violência que não configura mais em uma arma branca, mas em uma potente arma ideológica. Conforme Gambini:

Os cientistas sociais já demonstram plenamente que o que mantém vivo um grupo é a sua cultura, sua mitologia, sua identidade [...] esse nível simbólico, ao nível de

epifenômeno ou mera superestrutura de representações, é na verdade a perda angular de qualquer grupo social, permeando todos os aspectos materiais da existência e correspondendo a um determinado território (Ibidem, p. 191).

Mas é claro que os nativos não entregaram o “ouro — definitivamente — aos bandidos”! Esses elementos culturais da tradição do Toré, não seriam os elementos do Ritual Religioso do Segredo do Ouricuri, praticado no santuário, dentro da mata. Isto nos é mostrado através de uma relação feita por Halbwachs (Apud OLIVEIRA; MESQUITA, 2015): que fez uma “importante relação entre a memória e busca de consolidação das religiões em determinados espaços”. O autor afirma:

A religião se expressa, portanto, sob formas simbólicas que se desenrolam e se aproximam no espaço: é sob esta condição somente que asseguramos que ela sobreviva. Por isso é preciso derrubar os altares dos antigos deuses e destruir seu templo se quisermos apagar a memória dos homens e a lembrança dos cultos ultrapassados (HALBWACHS, 1990, p. 157).

Essa seria, provavelmente, uma estratégia utilizada de manter em segredo, absoluto, tudo o que pertencia de fato, aos ritos ancestrais de tradições e crenças nativas, através da permanência de suas práticas ocultas? Desta forma ainda é possível ser preservado o Ritual do Ouricuri sem ter passado por julgamento inquisitório, de renegar o mundo, a cosmologia e cosmogonia nativa, perante o poder hegemônico. Conforme Halbwachs:

Ora, seria muito difícil evocar o acontecimento se não imaginássemos o lugar que conhecemos geralmente não porque o vimos, mas porque sabemos que existe, que poderíamos vê-lo, e que em todo caso, sua existência está garantida através de testemunhas. É por isso que há uma geografia ou uma topografia religiosa (Ibidem, p. 157).

Talvez por isto, ainda hoje o Ritual do Ouricuri é fenomenalmente mantido e praticado, há cada quinze dias, por toda a popula-

ção indígena da Aldeia Kariri-Xocó de Porto Real do Colégio-AL e outros povos convidados de outras regiões: Fulni-ô, de Pernambuco, Tingui-Botó e Karapotó de Alagoas.

Para os Xocós, povo que se uniu aos Kariris no século XIX, (OLIVEIRIA; MESQUITA, 2015, Apud DANTAS; DALARI, 1980): “Já no ano seguinte à morte de Frei Doroteu¹⁵, o poder municipal reivindicava ao Imperador as terras pertencentes ao “extinto aldeamento” de São Pedro (SE). Assim, segundo Oliveira; Mesquita “[...] Uma parte destes seguiu para Alagoas [...] Sendo expulsos violentamente de suas terras. Enquanto muitos indígenas fugiram (chegando a abrigar-se na aldeia dos Cariris em Alagoas) ou foram mortos em combate [...]”. Conforme afirma Oliveira; Mesquita (2015, Apud BARRETO, 2010):

Os Xokó lembram do último capuchinho, Frei Doroteu, que ficou na memória como um santo, mas que proibia o Toré e seus ritos religiosos realizados na mata. Estes eram praticados às escondidas, chegando os índios a ocultar embarcações, visando impedir a travessia do religioso para a Caiçara (BARRETO, p. 42).

O Toré representou desde o início do século XX a autoafirmação de identidade étnica desse povo, demonstrada nos seus cantos ritualísticos, danças, indumentárias, pinturas corporais e instrumentos musicais, acompanhados com sonoridade da língua nativa. Ele vem a revelar um caráter marcante, presente no indígena nordestino que de certa forma resistiu ao etnocídio em confronto ao etnocentrismo com o europeu; é ele um elemento revelador de sua identidade. O termo na língua xocó (com raiz Tupi): “TO”, quer dizer “SOM” e “RÉ”, significa “SAGRADO”, então significa: “Som Sagrado”; no dialeto Kipeá (um dos quatro que compõem a língua kariri-xocó) a tradução quer dizer, “Sussurro silencioso”. A forma do povo Kariri, considerado um povo calado, pelos portugueses e outras etnias, vem fazer jus a este termo.

¹⁵ Frei Doroteu de Loreto foi o último jesuíta franciscano, missionário a atuar na Ilha de S. Pedro, em Porto da Folha, Sergipe, segundo Borges (2003).

Sendo assim, o Toré passa a ser a tradição aberta aos que pertencem à ancestralidade indígena, bem como aos não índios, deliberadamente. Cantar e dançar Toré significa pertencer e manter as tradições e perpetuar a ancestralidade. Toda essa prática apresentada no Toré é também permitida ao homem branco e inclusive a sua inserção na roda de cantos e danças sagradas. Contudo, sua inserção ao Espaço do Ouricuri é permanentemente proibida ao não índio. Sendo assim, o Toré é o ponto da fronteira entre os dois universos que une e ao mesmo tempo diferencia quem pertence ou não à cultura indígena.

Conclusão

As memórias individuais e coletivas são recursos poderosos na manutenção da tradição dos povos tradicionais, incluídos na investigação os indígenas, marcando com o Toré a presença ancestral que traz a força da união e resistência através desse fenômeno, de geração à geração, na perpetuação dos seus saberes ancestrais. O Toré é uma conexão entre os humanos e o divino, Tupã e o Grande Espírito, Warakidzã, os seres invisíveis da mata, cultuados na espiritualidade desse povo, não levando em conta o período de invisibilidade abordado pelos historiadores e mantendo na ancestralidade o mesmo sentimento de pertencimento dos seus pais e avós e com o devir arraigado nas suas tradições que se realiza no processo contínuo de firmar a sua identidade, obedecendo a linearidade do tempo, mas sem perder o foco na ascense que reestabelece a sua base cultural, seja através da indústria cultural ou outros dispositivos que avancem os processos de visibilidade para que esta e outras culturas possam transitar no meio que também lhe pertença e o faça reexistir quanto povo de tradição milenar, no coração da cultura popular, pelo poder da palavra e, principalmente, as preferidas pelas narrativas indígena, na reativação da língua nativa e na constituição do bilinguismo como um recurso de crescimento coletivo. É preciso levantar e validar as possibilidades das mídias de massa, seja através da indústria cultural ou outros dispositivos (tais como as redes que incluem a mídia e seus recursos tecnológicos)

que façam avançar os processos de parceria e negociação para as populações indígenas e que as suas diferenças sejam reavaliadas e quem sabe vistas, senão como patrimônio imaterial, mas como uma riqueza cultural, peculiar à um país com dimensões continentais como o Brasil e pluricultural; originário de centenas de populações que formavam nações independentes e potencialmente resilientes.

Que o mundo das ideias continue a reconstruir o mundo sensível, o mundo dos fenômenos tão sonhado por Platão e filosoficamente perfeito. É nesta perspectiva que na cosmologia indígena, ao som da maracá e nos movimentos cíclicos da vida se constrói um mundo mais humano e quase perfeito, onde a vontade da coletividade ecoa como em uma única voz e faz de cada Ritual do Toré um momento ímpar e harmonicamente perfeito.

Referências

BÂ, Amadou Hampaté. *A Tradição Viva*. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África/ediado por Joseph Ki-Zerbo. Capítulo 8, 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-214.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização; "Negociação da Identidade nas Classes Populares?"*. Tradução Maurício Santana Dantas. 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 197-210.

COSTA, Edil Silva. *Narrativas orais na contemporaneidade: conexões e fissuras*. Belém-PA: Sentidos da Cultura, ANO 2, N.2, p. 05-21, JAN/JUN, 2015.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *A voz e o sentido: poesia oral em sincronia*. São Paulo: UNESP, 2007.

FERRARI, Alfonso Trujillo. *Os Kariri, o crepúsculo de uma povo sem história*. Revista "Sociologia", 1957.

GAMBINI, Roberto. *O Espelho Índio: Os jesuítas e a destruição da alma indígena*. Espaço e Tempo: Rio de Janeiro, 1988.

GONÇALVES DIAS, A. *Dicionário da língua Tupy: Língua Geral dos Indígenas do Brasil*. Lipsia F.A. Brokhaus, Livreiro de S.M. Imperador do Brasil, 1858.

HAESBERT, R. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – USP*, 20 a 26 março 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*; traduzido do original francês “LA MEMOIRE COLECTIVE por: Laurent León Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidade e mediações Culturais*; tradução Adeline La Guardia Resende; Organização Livsovik; Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília; Representação UNESCO no Brasil, 2003.

HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Ed 70, 2000.

LUCIANO, Gersem dos Santos. *O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. Coleção educação para todos. Série vias dos saberes, n.1.

MOREIRA, Osmar dos Santos. *Folhas Venenosas do Discurso*. Salvador: Quarteto, 2002.

NUNES, Antonietta d’Aguiar. *Conhecendo a História da Bahia: da pré-história a 1815*. Quarteto: Salvador, 2013.

OLIVEIRA, José Nunes de. *Revista Estudos Avançados*. V 13 – nº 37. p.87 – 103. 1999. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/estudos>>. Acesso em: 31 jan 2019.

OLIVEIRA, Valéria Maria Santana; MESQUITA, Ilka Miglio de. *Nos tempos do antigo aldeamento: os Xokó da Ilha de São Pedro de Porto da Folha (1849-1878)*. XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis-SC, 27 a 31 de Julho de 2015.

ONG Thydêwá. *Memória: índios na visão de índios*. p. 14-15, 17. ed. Coleção, 2012.

ONG Thydêwá. “Cantando as Culturas Indígenas”; da coleção: índios na visão de índios. 2013.

[Recebido: 12 jun. 2019 — Aceito: 18 ago. 2019]